

TRÁS-OS-MONTES
DE ANTÓNIO REIS E MARGARIDA CORDEIRO:
UMA VISÃO POÉTICA DAS RELAÇÕES
DE UM POVO COM A SUA TERRA

Jaime Neves

*Universidade Católica Portuguesa,
CITAR – Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes*

Resumo

Fortemente sensibilizados pelo cenário de grande beleza do nordeste de Portugal, António Reis e Margarida Cordeiro realizaram em 1976 uma obra marcante na História do cinema Português. *Trás-os-Montes* é um notável documento cinematográfico que se apresenta como um excelente ponto de partida para uma profunda reflexão sobre questões relacionadas com as dinâmicas geradas pela relação dos povos com a terra. Neste registo, António Reis e Margarida Cordeiro, já em plena década de 70 do século passado, reclamavam a necessidade de um olhar criterioso, crítico e reflexivo para questões tão essenciais como o crescente abandono das terras por novas gerações fortemente seduzidas por melhores condições de vida que acreditavam poder encontrar por via da emigração para países como a França, Suíça ou Luxemburgo.

Trás-os-Montes é uma visão poética e apaixonada pela terra. É um filme sobre a interioridade de um país. Um registo pautado pelos longos silêncios contemplativos da agreste paisagem. É um retrato de gentes que sabem rir, chorar, amar, crescer e morrer num cenário de profunda beleza, porém, profundamente hostil por via de um clima assumidamente agreste, por escassas condições sociais e, sobretudo, por uma muito preocupante desertificação populacional em crescendo. Um manifesto de resistência à modernidade e aos atrativos da cidade.

O cinema pode ter uma função muito abrangente. Uma função que pode ir muito para além da lúdica. O cinema pode despertar e incutir no espetador uma necessidade de reflexão que tendencialmente deverá conduzir a uma mobilização política e popular vocacionada para a ação. *Trás-os-Montes* é um perfeito exemplo disso ao olhar de forma comprometida, reflexiva, mas também instigadora para uma questão de primordial importância para o país e suas populações: o território e suas relações com as populações. Palavras-chave: Cinema, Território, Emigração, Desertificação, Interioridade.

1. Metodologia

Para a escrita deste trabalho foi levada a cabo uma metodologia fortemente assente numa revisão da literatura científica até agora produzida relativa ao filme *Trás-os-Montes* de António Reis e Margarida Cordeiro. Foi dada especial importância à recolha e análise de inúmeras entrevistas concedidas ao longo dos últimos anos por Margarida Cordeiro. De igual forma procurou analisar-se a obra nas mais diversas perspetivas com forte incidência na forma reflexiva como os realizadores procuraram abordar as questões relativas à interioridade, e consequente desertificação, de uma região pelo abandono massivo e progressivo das terras.

2. Desenvolvimento

2.1 António Reis e Margarida Cordeiro

António Ferreira Gonçalves dos Reis nasceu em Valadares, concelho de Vila Nova de Gaia, no dia 27 de agosto de 1927. Frequentou o liceu no Porto, mas optou depois por não dar sequência aos seus estudos. Ao invés investiu numa intensa e muito profícua formação autodidata que haveria de se comprovar marcante para o seu percurso como realizador e poeta. António Reis editou *Poemas Quotidianos* e *Novos Poemas Quotidianos* nos anos 1957 e 1960, respetivamente. Iniciou a sua actividade no cinema na década de 60 realizando duas curtas metragens documentais, *Painéis do Porto* (1963) e *Do Rio ao Céu* (1964). Foi depois assistente de Manoel de Oliveira em *Acto da Primavera* (1963) e, mais tarde, argumentista em *Mudar de Vida* (1967) de Paulo Rocha. Em 1977, já em Lisboa, foi convidado para dar aulas de *Montagem*, *História da Imagem* e *Análise de Filmes* na Escola Superior de Teatro e Cinema do Conservatório Nacional.

Margarida Martins Cordeiro nasceu em Mogadouro, distrito de Bragança a 5 de julho de 1938. Concluiu o ensino primário em Trás-os Montes entre Mogadouro e Bragança. Foi depois para o Porto para estudar primeiro no liceu Carolina Michaelis e depois na Faculdade de Medicina do Porto onde se licenciou em Medicina. Mais tarde inicia a prática médica no Hospital Miguel Bombarda em Lisboa.

É no Porto que António Reis e Margarida Cordeiro se conhecem e iniciam um percurso conjunto que haveria de se materializar na produção de algumas das mais originais obras do Cinema Português. Os dois assinaram, para além de *Trás-*

os-Montes (1976), *Ana* (1984) e *Rosa de Areia* (1989). Antes de *Trás-os-Montes*, António Reis assinou a título individual *Jaime* (1974) que, apesar de tudo, sabe-se, contou também com a colaboração de Margarida Cordeiro. A 10 de setembro de 1991, António Reis falece e Margarida Cordeiro não mais volta a filmar. Deixam a meio o projeto *Pedro Páramo* que pretendiam rodar a seguir a *Rosa de Areia*.

Da curta, mas muito relevante filmografia de António Reis e Margarida Cordeiro destacaremos neste texto *Trás-os-Montes* por se evidenciar um filme profundamente dotado de características que, como descreveremos a seguir, potenciam uma reflexão em torno da relação do homem com a terra nas mais variadas vertentes.

2.2. A produção de *Trás-os-Montes*

Entre junho e setembro de 1974, ao longo de cerca de 70 dias e percorrendo mais de 10.000 quilómetros ao longo das várias aldeias de Bragança e Miranda do Douro no nordeste de Portugal, António Reis e Margarida Cordeiro realizaram *Trás-os-Montes*.

Este filme é um regresso à terra dos seus autores: Margarida Cordeiro retornando à sua origem natal e António Reis regressando ao território de O Acto da Primavera (Manoel de Oliveira, 1963) onde fora assistente. Esta viagem de retorno é também a redescoberta do passado de uma região isolada dos poderes centrais e suspensa num tempo arcaico de costumes rústicos, cujos traços em registo quase etnográfico – as rocas de fiar, os teares, o ferreiro que há 60 anos trabalha a «arte», (...) – compõem uma ideia de civilização em estreita comunhão com o mundo natural. (Areal, Cinema Português: Um País Imaginado (Vol. II - Após 1974), 2011, p. 83)

Trás-os-Montes é um filme materializado por via de uma evidente visão poética dos realizadores, na sua essência documental, mas apesar de tudo, com claros momentos de encenação protagonizados por reais habitantes da região. Tal é mesmo anunciado no início do filme: «Este filme foi inteiramente filmado com pessoas das aldeias de Bragança e de Miranda do Douro». Pessoas comuns, agora transformadas em atores improvisados, selecionadas pelos realizadores e posteriormente seduzidas a participar na rodagem do filme. Em entrevista concedida, Margarida Cordeiro explica o método implicitamente aplicado na seleção dos atores:

As pessoas eram a 100%. Vê uma e diz: “aquela é” e vê as outras e não são. Não há raciocínio. Eram escolhidas pelo modo de ser, o modo de andar, de falar, o modo de gesticular. Importantíssimo, o modo de gesticular, falar muito com elas e ver o

que eram capazes, nunca lhes pedir para fazerem coisas ... Por exemplo, se a pessoa é calma, não lhe íamos pedir para gritar, etc. Aproveitar em bruto o que as pessoas são. Pronto. E daí que estejam sempre tão certas, não é? Nenhuma delas está a fazer teatro. (Fernandes, 2010, p. 103)

Com um forte vínculo afectivo à região, “O *Trás-os-Montes* foi feito com uma paixão e uma novidade incrível.” (Castro, 2000, p. 97). Um trabalho de grande fôlego, com uma duração de 111 minutos, a cores, montado ao longo de 10 longos meses e rodado em película de 16 mm por via de uma maior ligeireza do equipamento e na ânsia de alcançar visibilidade nos circuitos mais alternativos. Um trabalho feito a dois que, de forma multifacetada e muito comprometida, de acordo com Margarida Cordeiro, se foi desenvolvendo vagarosamente ao longo de muito tempo:

Essa filigrana era construída vindo para aqui [Trás-os-Montes], em férias, sem automóvel, que eu não tenho automóvel nem ele tinha, em autocarros e bicos do acaso, íamos para as aldeias, ficávamos no meio de um lavrador, andando a pé. Íamos vendo as pessoas, tirando ideias. Pode ser neste caminho, pode ser naquele. Foi com muitos, muitos, muitos, muitos – não é dias –, meses e meses e meses, às vezes anos. E, quando um plano surgia, vinha feito. Aparecia. Tinha sido um trabalho muito grande anterior. E a pessoa depois decidia.” (Fernandes, 2010, p. 103)

Chegámos a viver alguns dias em aldeias próximas de Bragança, fotografando onde mais tarde filmámos, anotando as épocas de floração das árvores para depois ser fácil escolher lugares alternativos. Há muito trabalho antes da rodagem do Trás-os-Montes, milhares e milhares de quilómetros. Neste filme, fomos os argumentistas, fomos os realizadores, fizemos a montagem, fizemos tudo menos a produção. (Castro, 2000, p. 96)

2.3. *Trás-os-Montes*: uma forma poética de ver e retratar uma região

Trás-os-Montes é antes de mais uma obra de cariz eminentemente poético. Uma obra-prima do Cinema Português, reconhecida internacionalmente e que, por via de um manifesto conhecimento etnográfico da região, retrata a história de uma das mais esquecidas regiões de Portugal ilustrando as tradições do seu povo, sua relação com a terra, seus costumes e saberes, seu modo de viver, por vezes de sofrer, de sonhar e de morrer. “A poesia de cada gesto, rosto, paisagem e história filmados em *Trás-os-Montes* representa uma crença profunda, embora difusa, na cultura transmontana como arca das mais antigas tradições portuguesas” (Baptista, 2008, p. 122). Mistura-se aqui o passado remoto com o tempo presente. Lendas e rituais coexistem com cenas de um quotidiano presente. É também um retrato de gentes que sabem rir, chorar, amar, crescer e apesar de tudo sobreviver num cenário de profunda beleza, porém, profundamente hostil

por escassas condições sociais, por uma muito preocupante desertificação populacional em crescendo e por um clima assumidamente agreste onde, diz a sabedoria popular, “existem nove meses de inverno e três de inferno”. “Trás-os-Montes, pode ser visto como marcado por uma intencionalidade onírica e estética, por uma poética que retrata o povo numa viagem nostálgica, oscilando entre um deslumbramento e uma estranheza, uma jornada a um mundo esquecido, arcaico, romantizado e estetizado.” (Costa, 2012, p. 238).

António Reis juntamente com Margarida Cordeiro, sua companheira de vida, propuseram-se neste filme apresentar visualmente e de forma claramente reflexiva o estado da interioridade de um país, de um lugar distante das grandes cidades urbanas do litoral, de um lugar de Portugal desconhecido por muitos portugueses. Uma “visão poética e interior do tempo transmontano, que é de erosão e de eternidade” (Pina, 1976, p. 16). De acordo com Margarida Cordeiro em *Trás-os-Montes* “A linguagem fílmica é uma linguagem muito própria, a única que não se pode reduzir a outra, nem por palavras nem por trailers. Nós queríamos traduzir em linguagem fílmica o nosso encantamento com as gentes, os animais, as paisagens e o modo de vida desta zona. Quisemos traduzir a maravilha que sentíamos.” (Castro, 2000, p. 96).

O fascínio que António Reis e Margarida Cordeiro nutriam pela região de Trás-os-Montes não era caso único e exclusivo de cineastas.

Miguel Torga, poeta português, transmontano nascido na freguesia de São Martinho de Anta no concelho de Sabrosa, refere-se à região de Trás-os-Montes, como um “Reino Maravilhoso (...) dos mais belos que se possam imaginar” (Torga, 2007, p. 23) e continua descrevendo a região como:

Um mundo! Um nunca acabar de terra grossa, fragosa, bravia, que tanto se levanta a pino num ímpeto de subir ao céu, como se afunda nuns abismos de angústia, não se sabe por que telúrica contrição.

Terra quente e terra fria. Léguas e léguas de chão raivoso, contorcido, queimado por um sol de fogo ou por um frio de neve. Serras sobrepostas a serras. Montanhas paralelas a montanhas.

Nos intervalos, apertados entre os rios de água cristalina, cantantes, a matar a sede de tanta angústia. E de quando em quando, oásis da inquietação que fez tais rugas geológicas, um vale imenso, dum húmus puro, onde a vista descansa da agressão das penedias.

(...)

Mas novamente o granito protesta. Novamente nos acorda para a força medular de tudo. E são outra vez serras, até perder de vista. (Torga, 2007, p. 25)

Trás-os-Montes começa com uma muito vagarosa panorâmica horizontal de uma paisagem que se constata profundamente montanhosa. O silêncio inicial só é violado, ainda durante os créditos iniciais, por um grito entrecortado com assobios. Uma espécie de canto onde são pronunciadas palavras numa espécie de língua aparentemente impercetível. Surge depois o som dos badalos em perfeita harmonia com os balidos de um rebanho. A panorâmica inverte o sentido, continuam a apresentar-se rochas e umas inscrições que se admitem tratar-se de pinturas rupestres. Surge o rosto de uma criança. É um pastor. Uma criança que pastoreia o seu rebanho. Uma atividade quotidiana que as crianças nesta região, acreditamos, repetem há vários séculos.

É desta forma que António Reis e Margarida Cordeiro introduzem Trás-os-Montes na procura da identidade e tradições de um povo e de uma região onde o tempo presente, neste filme, sempre nos é apresentado carregado de marcas de um passado milenar.

Surgem depois as grandes extensões de terra, as estradas de terra batida que se perdem no horizonte, as searas já colhidas onde algumas crianças brincam, as casas, algumas habitadas e outras totalmente abandonadas por, deduzimos, transmontanos que partiram em busca de melhor fortuna. Transmontanos que, como escreve Miguel Torga:

Acosados pela necessidade e pelo amor da aventura, aos vinte anos (se não tiver sido antes), depois da militança, alguns emigram para as Arábias de além-mar. Brasis, Áfricas e Oceânias. Metem toda a quimera numa saca de retalhos, e lá vão eles.

(...)

Os que ficam, cavam a vida inteira. E, quando se cansam, deitam-se no caixão com a serenidade de quem chega honradamente ao fim dum longo e trabalhoso dia. E ali ficam nuns cemitérios de lívida desilusão, à espera que a lei da terra os transforme em ciprestes de granito. (Torga, 2007, p. 29-30)

A dinâmica migratória que há várias décadas se faz sentir na região de Trás-os-Montes apresenta-se uma evidência e um problema. Efetivamente, “se há no país região donde se emigra, ela é decerto Trás-os-Montes” (Taborda, 1987, p. 134). “Em termos de consequências económicas e demográficas, resultantes do grande fluxo populacional, elas tiveram impactos diversificados, nomeadamente no processo de despovoamento e envelhecimento populacional, tendo em atenção que foram sobretudo os mais jovens que partiram.” (Azevedo, 2013, p. 194).

Ainda de acordo com a crónica “A morte demográfica do Distrito e Concelho de Bragança” publicada em 2013 no jornal “Diário de Trás-os-Montes”³¹⁹,

a) já nenhum concelho tem uma taxa de envelhecimento (divisão do número de crianças e adolescentes até 14 anos pelo número de seniores de 65 ou mais anos) abaixo de 188%, num cenário desejável de 50%;

b) já nenhum concelho tem um índice de juvenilização (divisão do nº de crianças e adolescentes até 14 anos mais os jovens entre 14 e 24 anos pelo nº de seniores acima dos 65 anos) superior a 97%, num cenário desejável de pelo menos 250%;

c) a média de idades da população adulta (pessoas entre os 24 e os 65 anos) vai já, no Distrito de Bragança, em 52 anos e, no Concelho, em 45 anos, num cenário desejável de 38 anos.

(...)

Em vinte anos [1993 – 2013], no Concelho [de Bragança], a população acima dos 65 anos aumentou 4500 habitantes e a população abaixo dos 25 anos diminuiu 3700.

Num Concelho onde, em 1960, nasceram 1112 bebés, nascem agora 225. (Ferreira, 2013)

Uma fotografia cuidada que praticamente se emancipa da narrativa, reflete toda a poesia da beleza transmontana transformada numa espécie de força visual que figura no ecrã. “Há uma certa metafísica que provém da relação com a paisagem” (Areal, *Um País Imaginado: Ficções do Real no Cinema Português*, 2008, p. 732). O retrato da paisagem natural e verdadeira, assumirá aqui um papel propulsor para uma clara valia artística, que acabará por transformar-se também num retrato histórico, económico e até político. A pobreza não é camuflada. Mostra-se o retrato da fome que muitas vezes assola a região quando, muito pouco ou mesmo nada, se consegue retirar da terra como consequência de um clima agreste e de uma agricultura fortemente deficitária.

Tradicionalmente isolada, em termos geográficos e culturais, Trás-os-Montes e Alto Douro tem estado, também, em termos agrícolas, e em grande parte da sua extensão, longe dos grandes circuitos comerciais e das grandes inovações tecnológicas do sector primário. Com uma agricultura de subsistência, agricultores envelhecidos e pouco habilitados (...), a estrutura fundiária, o tipo de exploração, o grau de mecanização e a superfície potencialmente irrigável não apresentam as condições favoráveis de produtividade agrícola (Azevedo, 2013, p. 265).

“O filme desenvolve-se como uma sucessão de memórias e momentos desfasados, alternando situações do real quotidiano com encenações e

³¹⁹ Esta crónica pode ser consultada em <https://tinyurl.com/y4oebds7>

momentos poéticos” (Areal, Cinema Português: Um País Imaginado (Vol. II - Após 1974), 2011, p. 85). Neste sentido, uma das mais marcantes cenas de *Trás-os-Montes*, de forma profundamente metafórica, apresenta-nos uma paisagem coberta de neve. Neste cenário predominantemente branco, uma mulher recolhe pequenos pedaços de neve, forma depois pequenas bolas que coloca num prato. Estas bolas de neve serão, na cena seguinte, servidas à mesa pela mulher. Será a refeição de uma família que, sentada à mesa se prepara para o repasto.

2.4. A recetividade das populações transmontanas a *Trás-os-Montes*

Trás-os-Montes foi apresentado em estreia absoluta entre abril e maio de 1976 precisamente em Bragança e Miranda do Douro, regiões onde o filme foi rodado, perante uma assistência que se mostrou profundamente desgostosa com tudo aquilo que contemplava no grande ecrã. Um descontentamento geral para com o filme que haveria de provocar um grande desconforto nos realizadores António Reis e Margarida Cordeiro. Mais tarde, em junho de 1976, o filme haveria de entrar no circuito comercial de exibição no cinema Satélite em Lisboa onde acabou por ser apresentado com um não muito decepcionante, mas apesar de tudo limitado, número de espetadores (1410 pessoas na primeira semana em cartaz). *Trás-os-Montes* foi ainda agraciado com o Prémio Especial do Júri e o Prémio da Crítica no Festival de Toulon, Prémio da Crítica no Festival de Pesaro em 1976, Grande Prémio no Festival de Mannheim em 1977, Prémio Melhor Filme e Melhor Realização no Festival de Viennale em 1978 e venceu ainda uma Menção Honrosa no Festival de Lecce em 1979.

Trás-os-Montes surge num período muito próximo da revolução portuguesa de 25 de abril de 1974 e são evidentemente notórias umas certas nuances de um discurso político dado “pela voz, vida e olhar de um povo esmagado pela opressão, exploração, pela miséria, por todo o sofrimento de partidas a que foi sujeito pela emigração como solução última para uma vida, que no seu país não tinha futuro” (Nunes, 1976, p. 43). Um discurso político pós-revolução que procurava desmascarar a farsa criada por um salazarismo que durante anos camuflou a pobreza e procurou habilmente fazer as populações acreditarem viver com um nível de vida adaptado e perfeitamente adequado à realidade do país e do mundo. Estas convicções que o salazarismo procurou difundir parecem ter surtido efeito e a prova parece estar na forma como *Trás-os-Montes* foi recebido nas sessões de apresentação em Bragança e Miranda do Douro. As populações nordestinas não se reviram na realidade que o filme apresentava. Acreditavam

viver em condições muito mais favoráveis do que aquelas que contemplavam no grande ecrã. Acreditaram que *Trás-os-Montes*, o filme de António Reis e Margarida Cordeiro poderia ser uma continuação, agora cinematográfica, de uma farsa outrora criada e reagiram intempestivamente. “Onde é que estão as nossas estradas? Onde é que estão os edifícios modernos? Onde é que estão os campos bem tratados? Onde é que está a modernidade?” (Neves, 2014, pág. 7) perguntavam os espectadores na apresentação em Miranda do Douro. “Insufladas por um desejo político de contribuir para a modernização agrícola do país, não foi sem um profunda consternação que as populações a quem *Trás-os-Montes* foi mostrado notaram que nem um só tractor se podia ver no filme” (Baptista, 2008, p. 87). “(...) As pessoas começaram a olhar – ainda por cima era uma projecção ao ar livre, no verão –, começaram a ver o filme e a achar-se insultadas (...) A ideia era que o António lhes estava a querer chamar uns atrasados que viviam como primitivos e que eram uns subdesenvolvidos. A certa altura aquilo chegou mesmo a criar um tumulto ... (...) Seguiu-se uma série de artigos na imprensa regional perguntando como tinha sido possível que o estado tivesse apoiado este filme; e também por ter sido apoiado pela Gulbenkian (...), sucederam-se os abaixo-assinados para o presidente da Fundação, que era o doutor Azeredo Perdigão, perguntando como é que tinha sido possível apoiar um filme que era um insulto à gente de Trás-os-Montes.” (Neves, 2014, pág. 7) Apesar de agastado com as reações dos transmontanos, António Reis reagia:

O filme foi feito para pessoas providas de certas mentalidades, isto é para aquelas que sabem compreender e interpretar na imagem o que não está no enredo. Creio que Trás-os-Montes está ali, todo inteirinho e quem o não descortinou ... não deve ter compreendido a «mensagem» que, na verdade, está lá dentro! (Leite, 1976, pág. 8)

Trás-os-Montes é assumidamente um registo cinematográfico que, no contexto da História do Cinema Português, sempre aparecerá rotulado como uma obra maior, porém, profundamente incompreendida pelo grande público. Uma constatação que Margarida Cordeiro corrobora justificando tal evidência pelas características menos imediatas e simplistas do filme que, por consequência, o afastam de um universo cultural dito mais comum de uma grande maioria de espetadores:

É evidente que são filmes que o público entende mal. Diga-me uma coisa: o público gosta da Roda dos Milhões, como é que vai perceber um filme como os nossos, tão trabalhados? São pedaços de gourmet, para quem percebe de filmes, e mesmo assim ...

Não têm o que o público está habituado a ter, apoios de atenção: uma jovem, sexo, violência, acção rápida, que é o que estão a fazer certos portugueses, estão a tentar ir por aí. (Castro, 2000, p. 100)

António Reis complementa Margarida Cordeiro atribuindo, de forma inequívoca, ao fenómeno televisivo primordial responsabilidade num certo homogéneo défice cultural do público que acaba por, muito naturalmente, conduzir a uma incompreensão de obras como *Trás-os-Montes*. António Reis afirma-se mesmo agastado com os “atentados televisivos (onde) tudo se homogeniza, no péssimo sentido (...) é impúdico e vergonhoso o que estão a fazer – não digo já ao povo – à etnografia” (Moutinho & Lobo, 1997, p. 256)

3. Conclusão

Em conclusão, *Trás-os-Montes* é uma mistura de documentário com alguns traços ficcionais. É uma “evocação semi-documental em que a fantasia se junta ao natural” (Pina, 1976, pág. 7). É um retrato cru, político e social da região transmontana devidamente embalado por uma toada de cariz poético que se demarca claramente do folclórico e pitoresco. É um desfile de cenas de grande beleza fotogénica que depreendem todo um cuidado aplicado na filmagem desde um evidente rigor ao nível de enquadramentos até à luz usada. É um testemunho do modo de viver de um povo, da sua relação com o afastamento, a distância e ausência por via da emigração e da sua relação com a terra e com o que ela permite produzir. É uma reflexão sobre um povo isolado que, por ausência de fatores de comparação, tem de si uma imagem bem diferente daquela que na realidade o caracteriza. É um notável contributo na tentativa de um despertar dos espectadores ao convocá-los para uma reflexão em torno de temáticas claramente delicadas. É uma clara chamada de atenção para o êxodo hemorrágico que a demografia do nordeste de Portugal foi vítima. É também ainda uma espécie de incitação, eminentemente poética e metafórica, à reconquista da terra por aqueles que lá nasceram, cresceram e, mais tarde foram tentados a procurar novas oportunidades para uma vida melhor.

Mais de quarenta anos depois e à luz do presente, poder-se-á afirmar com propriedade que António Reis e Margarida Cordeiro atingiram os seus objetivos de incitação à reconquista? Ter-se-ão invertido os números demográficos no nordeste de Portugal? A vitimização terá resultado em ação? As respostas a estas questões estão bem patentes nos números apresentados atrás neste texto e podem perfeitamente resumir-se a esta afirmação publicada por Henrique da

Costa Ferreira³²⁰, em 2013 no jornal “Diário de Trás-os-Montes”: “o país precisa de parar para refletir sobre o que se passa com a sua demografia. O Interior está todo praticamente morto do ponto de vista demográfico e o país, no seu todo, está em vias disso.” (Ferreira, 2013)

António Reis e Margarida Cordeiro pareciam ter, já em 1976, a premonição que, apesar dos seus esforços, o rumo dos acontecimentos não inverteria o seu sentido, por isso, *Trás-os-Montes* termina enfaticamente com um plano noturno onde o silêncio da noite é cortado pelo apito estridente de um comboio, que lançando nuvens de fumo, serpenteia a paisagem e vai-se afastando para outras partes. Metaforicamente são mais transmontanos que abandonam a sua terra à procura de melhores condições de vida. A reconquista da terra terá de esperar ... Melhores dias virão? Para já fica a desolação.

³²⁰ Henrique da Costa Ferreira é Professor Coordenador no Instituto Politécnico de Bragança.

Referencias bibliográficas

- Areal, L. (2008). Um País Imaginado: Ficções do Real no Cinema Português. *Tese de Doutoramento*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Areal, L. (2011). Cinema Português: Um País Imaginado (Vol. II - Após 1974). Lisboa: Edições 70.
- Azevedo, N. (2013). Tempos de Mudança nos Territórios de Baixa Densidade. As dinâmicas em Trás-os-Montes e Alto Douro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Baptista, T. (2008). A Invenção do Cinema Português. Lisboa: Tinta da China.
- Castro, I. (2000). Cineastas Portuguesas 1874 - 1956. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Costa, C. A. (2012). Camponeses do Cinema: a Representação da Cultura Popular no Cinema Português entre 1960 e 1970. *Tese de Doutoramento em Antropologia Cultural e Social*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Fernandes, M. S. (2010). Um Espaço Interior: Para uma Leitura Fílmica da Obra de António Reis e Margarida Cordeiro. *Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Ferreira, H. (2013). A morte demográfica do Distrito e do Concelho de Bragança. Obtido de Diário de Trás-os-Montes: <https://tinyurl.com/y4oebds7>
- Leite, A. (1976). “Depois de participar num debate, no cinema Satélite, sobre o filme Trás-os-Montes”. Mensageiro de Bragança, nº 1617 (23 julho 1976)
- Moutinho, A., & Lobo, M. d. (1997) (Orgs.). *António Reis e Margarida Cordeiro. A Poesia da Terra*. Faro: Cineclube de Faro.
- Neves, J., (coord.). (2014). Lugar dos ricos e dos pobres no Cinema e na Arquitectura em Portugal. Porto: Dafne Editora

Nunes, M. (1976). A terra, o Povo, a Lenda. Isto é Espectaculo n.º 1 (setembro 1976)

Pina, L. (1976). Trás-os-Montes: primeiro tempo. O Dia (16 junho 1976)

Taborda, V. (1987). Alto Trás-os-Montes. Estudo Geográfico. Lisboa: Livros Horizonte

Torga, M. (2007). Um reino Maravilhoso. Ilustração Graça Morais. Lisboa: D. Quixote